



EXTREMISMO / Detido por armar bomba perto do aeroporto de Brasília, empresário participava de ato bolsonarista no QG do Exército e confessa que pretendia provocar “caos” devido à eleição de Lula. Polícia investiga se há outros envolvidos

PCDF/Divulgação



PCDF/Divulgação



Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Um arsenal com duas espingardas, um fuzil, dois revólveres, três pistolas, além de centenas de munições e cinco emulsões explosivas foi apreendido no apartamento do empresário. A bomba foi encontrada no sábado

Terrorista transferido PARA A PAPUDA

» DARCIANNE DIOGO
» RAPHAEL FELICE

A Justiça do Distrito Federal determinou a prisão preventiva do empresário bolsonarista George Washington de Oliveira Sousa, 54 anos, após audiência de custódia realizada na tarde de ontem. Ele é acusado de planejar um atentado a bomba próximo ao aeroporto de Brasília. O suspeito foi transferido para o Complexo Penitenciário da Papuda.

George Washington foi preso em flagrante, no sábado, por investigadores da 10ª Delegacia de Polícia (Lago Sul). Ele estava no apartamento onde morava de aluguel, no Sudoeste. No momento da detenção, a Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) encontrou armas, mais de mil munições, explosivos e materiais como querosene de aviação, além de um detonador por dispositivo remoto da bomba. Os artefatos foram trazidos pelo acusado em uma caminhonete, do Pará para a capital federal.

Dono de uma rede de postos de gasolina no estado onde reside, George Washington decidiu, ao término do segundo turno das eleições, deixar a mulher e os filhos na cidade de Xinguara para vir a Brasília integrar o grupo que protesta em frente ao Quartel-General do Exército contra a vitória nas urnas do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Em audiência de custódia, a juíza Acácia Regina Soares converteu a prisão em flagrante do apoiador do presidente Jair

Bolsonaro (PL) em preventiva, para garantir a segurança pública, uma vez que, além da bomba, ele tinha uma grande quantidade de armas e munições.

“Busca também assegurar o meio social e a própria credibilidade dada pela população ao Poder Judiciário, vez que os armamentos e artefatos encontrados em posse do autuado possuem grande potencial lesivo, entre elas um fuzil AR10, duas espingardas calibre 12, 30 cartelas de munição 357 magnum, 39 cartelas de munição 9mm contendo 10 munições intactas não deflagradas, duas caixas contendo 50 munições de 9mm, entre outros, capazes de causar danos a uma grande quantidade de pessoas e bens”, frisou a juíza.

Em depoimento à PCDF, George Washington admitiu que pretendia distribuir as armas e as munições para apoiadores de

Bolsonaro acampados em frente ao QG do Exército. Ele afirmou que o plano para a explosão nos arredores do aeroporto de Brasília foi arquitetado nesse acampamento e que a ideia inicial era explodir o artefato na subestação de energia de Taguatinga.

O detido relatou duas versões para colocar em prática o plano terrorista. Uma de explodir a bomba em um caminhão-tanque, com querosene de aviação, próximo ao estacionamento do aeroporto de Brasília — onde o artefato foi encontrado —; e a outra de explodir a bomba na estrutura da subestação de energia elétrica de Taguatinga, para

R\$ 160 MIL

Valor que o empresário diz ter gasto para comprar o arsenal

Reprodução/Redes sociais



Empresário no Pará, George Washington Sousa foi preso em um apartamento no Sudoeste

“gerar caos que levaria à decretação de estado de sítio”.

A bomba seria explodida por meio de um dispositivo remoto. “No dia 22/12/2022, vários manifestantes do acampamento conversaram comigo e sugeriram que explodíssemos uma bomba no estacionamento do aeroporto de Brasília durante a madrugada e, em seguida, fizéssemos denúncia anônima sobre a presença de outras duas bombas no interior da área de embarque”, relatou no depoimento.

Também segundo ele, “no dia

seguinte, (23/12/2022) uma mulher desconhecida sugeriu aos manifestantes do QG que fosse instalada uma bomba na subestação de energia em Taguatinga para provocar a falta de eletricidade e dar início ao caos que levaria à decretação do estado de sítio”.

Segundo o suspeito, a envolvida teria desistido de levar a bomba, mas outro homem, com o nome de Alan, se comprometeu a transportar o explosivo à estação em Taguatinga. Esse bolsonarista, porém, teria mudado de ideia e retomado o plano de levar

perto do aeroporto.

O empresário contou que a ideia ocorreu no dia da diplomação de Lula no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Na ocasião, bolsonaristas fizeram violentos ataques no centro de Brasília.

“No dia 12/12/2022, houve o protesto contra a prisão do índio, onde eu conversei com os PMs e os bombeiros responsáveis por conter os manifestantes, que me disseram que não iriam coibir a destruição e o vandalismo, desde que os envolvidos não agredissem os

» Torres aciona a Polícia Federal

O ministro da Justiça, Anderson Torres, afirmou, ontem, que a Polícia Federal foi acionada para acompanhar as investigações da Polícia Civil do DF sobre a bomba montada próxima ao aeroporto de Brasília. Foi a primeira manifestação de um integrante do governo de Jair Bolsonaro sobre o caso. Em uma publicação nas redes sociais, Torres afirmou que o Ministério da Justiça oficiou a PF para acompanhar as investigações e “no âmbito de sua competência, adotar as medidas necessárias quanto ao artefato encontrado”. Ele disse ser “importante aguardarmos as conclusões oficiais, para as devidas responsabilizações”. Quase 24 horas após a descoberta do explosivo, Bolsonaro publicou um vídeo desejando um feliz Natal aos seus seguidores, mas não se manifestou sobre a tentativa de ato terrorista.

policiais”, detalhou. “Ali ficou claro para mim que a PM e o bombeiro estavam ao lado do presidente (Bolsonaro) e que em breve seria decretada a intervenção das Forças Armadas.”

Ainda de acordo com ele, “ultrapassado quase um mês, nada aconteceu”. “Então, resolvi elaborar um plano com os manifestantes do QG do Exército para provocar a intervenção das Forças Armadas e a decretação de estado de sítio para impedir instauração do comunismo no Brasil”, admitiu.

“Seria uma tragédia jamais vista aqui”

» RAFAELA MARTINS
» PEDRO GRIGORI

O diretor-geral da Polícia Civil do Distrito Federal, Robson Cândido, enfatizou que o empresário bolsonarista George Washington Sousa quase cometeu “uma tragédia jamais vista na capital do país”. O homem tentou explodir uma bomba na área do aeroporto de Brasília, “com objetivo de chamar atenção para o movimento a favor do atual presidente Jair Bolsonaro”.

“Se esse material adentrasse o aeroporto de Brasília, próximo a um avião com 200 pessoas, seria

uma tragédia aqui dentro de Brasília, jamais vista, seria motivo de vários noticiários internacionais, mas nós conseguimos interceptar”, disse Robson Cândido.

O empresário fazia parte do grupo de bolsonaristas acampados em frente ao QG do Exército. Em depoimento, o homem admitiu a motivação política do crime. “Ele não afirmou se tinha objetivo de fazer algo durante a posse presidencial na próxima semana, mas confirmou que a intenção era causar um tumulto aqui em Brasília”, ressaltou.

Segundo a PCDF, o criminoso

tem registro de caçador, atirador e colecionador (CAC). Questionado, o delegado explicou, no entanto, que o arsenal apreendido, está fora das regras. “Ele é CAC, porém tudo que encontramos está fora das normas. Sendo assim, ele será autuado por porte, posse ilegal de armas de fogo, munição e artefatos explosivos e por crime contra o Estado democrático de direito”, frisou Cândido.

A bomba foi encontrada dentro de uma caixa por trabalhadores da Infâmérica, após um caminhão tê-la deixado na via pública, ainda pela madrugada. Os

funcionários interditaram parte da pista com cones e esperaram os policiais militares chegar.

Com a PMDF no local, uma das pistas sentida ao aeroporto foi interditada. O procedimento para a remoção do objeto — duas bananas de dinamite ligadas a um fio — teve início por volta das 11h55 de sábado, pelo Esquadrão de Bombas da corporação. Às 13h20, o grupo desativou o artefato e deixou o local logo após, seguido do Corpo de Bombeiros e da Polícia Federal. Policiais civis ficaram por lá para a realização da perícia.

Divulgação/PCDF



O diretor-geral da Polícia Civil, Robson Cândido: detido é um CAC